

Funaro e Sayad prevêem PIB com expansão de 7%

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

— A economia brasileira apresentará uma expansão média de 7% ao ano, superior às estimativas preliminares, que indicavam um crescimento entre 5 e 6%. Foi o que disseram ontem ao presidente Sarney, no Palácio do Planalto, os ministros do Planejamento, João Sayad, e da Fazenda, Dilson Funaro, durante amplo relato dos dois primeiros meses da reforma econômica.

A análise governamental insiste em que não existe superaquecimento na economia. As vendas de março e abril aumentaram em relação ao mesmo período do ano passado, quando a economia ainda estava saindo da recessão. A avaliação real sobre o aumento de consumo será feita com os dados de maio, quando o governo espera um "ajustamento das vendas".

A interpretação do governo, portanto, é de que o nível de consumo ainda é inferior ao registrado em 1980 e não causa maiores preocupações. Não teria havido, até agora, nenhuma pressão inflacionária em função do aumento do consumo.

Para o Palácio do Planalto, este dado parece suficiente para sinalizar positivamente ao setor privado que o



Arquivo

Funaro: expansão maior

propósito governamental é manter o crescimento econômico. A partir de novas estimativas sobre a expansão do Produto Interno Bruto (PIB) — soma de bens e serviços produzidos no País —, o governo quer garantir as condições para sustentar o crescimento.

Com esse propósito, segundo dis-

cutiu-se na reunião entre Sarney, Sayad e Funaro, o Estado deverá aumentar seus investimentos em setores importantes para complementar os investimentos privados. É o caso de inversões nos setores petroquímico e elétrico. Nesse contexto, alguns projetos que foram desacelerados, ano passado, podem ser retomados para, uma vez concluídos, possibilitarem um "salto qualitativo" da produção, evitando com isso pressões inflacionárias futuras decorrentes do crescimento do consumo.

Durante a reunião de ontem, o presidente Sarney cobrou do ministro do Planejamento o Plano Plurianual de Investimento 1986-1990. Sayad prometeu que entrega o primeiro detalhamento no final de maio. O ministro disse que o plano reafirma as prioridades de investimentos no campo social.

PROJEÇÕES

Ao projetar crescimento médio de 7% ao ano para a economia, o governo procura demonstrar o peso positivo da reforma deflagrada em 28 de fevereiro. Estudo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), elaborado antes do pacote econômico, assinala que este ano o País alcançará o PIB per capita de 1980. Em 1990, o PIB per

capita será, nas hipóteses consideradas pelo governo, 23% superior ao de 1980.

Pelo seu estudo, o produto industrial cresce em média 8,7% ao ano, o produto dos serviços à taxa média de 7,8% ao ano, e a agropecuária a 5,2%. A remessa de recursos para o Exterior deverá decrescer de 5,1%, em 1981, para 2,4% ao final da década. O consumo e o investimento crescerão a taxas elevadas. Em termos de taxas médias, o consumo crescerá 7,6% ao ano, o que significa um aumento do consumo per capita de mais de 5% anual e o investimento a 12,4% por causa de recuperação maior no final do período. A relação capital/produção permanece em torno de 2,6%, valor que o BNDES considera elevado em fases de retomada e ocupação de capacidade ociosa.

A poupança interna e o investimento, de outro lado, permanecerão em níveis inferiores à experiência histórica. Na década de 70, a taxa de investimento médio foi de 25,2%, alcançando o pico de 30% em 1975. Em todos os anos apresentou valores acima dos estimados pelo BNDES até 1990. A poupança interna (investimento mais saldo em conta corrente do balanço de pagamentos) também ficará inferior à taxa histórica, não alcançando os 20%.